

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.773

Quinta-feira, 4 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cimbra, 38-A, 2.º e 3.º Andares — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—(da) da Batalha, 115 e 117

Os escândalos nos Caminhos de Ferro do Estado que “A Batalha” vem revelando não terão, pelo menos, feito meditar um pouco o sr. ministro do Comércio?

OS ESCÂNDALOS DO SUL E SUESTE

QUEM RESPONDE PELOS 21.000 CONTOS?

Pergunta-se: quem responde pelos 21.000 contos desviados dos 30.450 contos que o parlamento votou em 21 de Agosto de 1922, destinados aos Caminhos de Ferro do Estado? Vamos, falem: quem responde?

O ministro ou ministros que autorizaram tal desvio estão incriminados na própria lei votada

A BATALHA convida as entidades que interferiram na questão a responderem, sob pena de considerar ROUBADA toda a verba que não foi aplicada em caminhos de ferro. O povo tem de ser elucidado. O povo não quer continuar a ser «vigarizado» pelos governantes. O povo, que paga, quer ser servido por caminhos de ferro que lhes tragam vantagens e não ponham em risco a sua vida

QUEM RESPONDE PELOS 21.000 CONTOS? QUEM?

A maneira como se tem feito administração nos Caminhos de Ferro do Estado é bem um sintoma da decadência da administração pública em Portugal, à qual está ligada a responsabilidade dos homens que a têm exercido. Sem escrúpulos e sem opiniões, os governantes, em matéria de caminhos de ferro, só fizeram até hoje uma obra negativa.

Por vezes dão-nos a aparência de quererem moralizar os processos de administração e de sua iniciativa surgem leis que a opinião pública recebe com agrado porque as suas disposições visam a atingir o aperfeiçoamento dos serviços públicos e o desenvolvimento dos mesmos. Mas, decorrido tempo, tudo se esvai e cousa alguma de útil aparece, desaparecendo os efeitos de qualquer lei aprovada pelo parlamento ou promulgada pelo governo.

Não poucas vezes tem sucedido que uma lei, para moralizar processos de administração, se transforma numa lei de desmoralização desses processos, dando lugar a escândalos enormes e a perdas consideráveis para o Estado. Sobre caminhos de ferro é o que tem resultado de tanto que se tem legislado em Portugal. Longo de se obter uma única vantagem financeira, as leis promulgadas com o objectivo de dar aos Caminhos de Ferro do Estado um desenvolvimento consentâneo com a sua importância, não têm sido úteis porque as verbas nelas consignadas são quasi sempre desviadas para outros fins, não tendo aplicação completa ao fim a que se destinavam. O resultado é não haver uma única vez em que aos caminhos de ferro seja dado aquele apoio financeiro de que eles carecem e deixar de se atender a uma situação que só pode ser modificada com meios próprios votados com conhecimento prévio das necessidades existentes e aplicados completamente ao fim em vista.

Votar um crédito exiguo, em relação às necessidades duma rede ferroviária, é dificultar ainda mais o seu desenvolvimento porque esse crédito anula a possibilidade

de de se obter a votação dum segundo crédito, quando, afinal, duma só vez, a questão ficaria atendida se houvesse a coragem de lançar numa lei todos os meios necessários. Sucedendo ainda que, desses créditos insuficientes, ainda parte deles são aplicados a outros fins, deixando de se ser aos que se consignam na lei que os concede, os caminhos de ferro em Portugal já não obtêm o desenvolvimento de que carecem.

Foi o que sucedeu com a lei votada pelo Parlamento e que tem a data de 25 de Agosto de 1922. A propósito da insuficiência financeira por parte da Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, para completar as construções iniciadas e alargar a rede existente, dotando-a com uma segunda via, como para se atender às péssimas condições de habitação do pessoal ferroviário, modificando as, o Senado e a Câmara dos Deputados, votaram o projecto número 39 da autoria do senador Afonso de Lemos, que consignava a importância de 30.450 contos.

A aprovação de tam importante crédito deu lugar ao aplauso da imprensa, que via nele quasi que a solução do problema ferroviário em Portugal. A lei em questão, dividida a aplicação das verbas nela inseridas em três grupos distintos, cuja transcrição vamos fazer por ser interessante e elucidativa.

Grupo A

Linha do Barreiro a Cacilhas (conclusão até ao Seixal)	80.000\$000
Linha de Cintura do Porto (Contumil a Leixões e Ramal de São Gémil a Ermesinde)	6.000.000\$000
Linha de Estremoz a Castelo de Vide (conclusão até Fronteira)	2.000.000\$000
Linha do Guadiana: a) Troço de Évora a Reguengo (conclusão)	1.500.000\$000
b) Troço de Serpa-Brinches a Serpa	1.500.000\$000
Linha da Régua a Lamego	3.700.000\$000
Ponte sobre o Sado em Alcácer	1.000.000\$000
Linha do Vale de Sabor (lanços de Carviçais a Brúç e de Brúç a Mogadouro)	1.500.000\$000

Linha do Vale do Tamega (Troço de Gátão a Feiticeiro)	1.600.000\$000
Ramal de Portimão a Lagos (conclusão)	270.000\$000
Ramal de Sintra	3.500.000\$000
Linha de Évora a Ponte de Sôr (troço de Moura a Montargil)	2.800.000\$000
Estudos de linhas incluídas ou a incluir nos planos ferroviários do Estado	500.000\$000

Grupo B

Ampliação, alargamento, beneficiação, conclusão e duplicação de parte da via existente e de algumas estações, gares e edifícios nas linhas do Minho e Douro	1.000.000\$000
Idem nas linhas do Sul e Sueste e conclusão de estradas de acesso	2.000.000\$000

Grupo C

Construção de casas para habitação do pessoal ferroviário nas linhas do Minho e Douro	750.000\$000
Idem nas linhas do Sul e Sueste	750.000\$000

Como se vê, a rigorosa aplicação de todas as verbas aos melhoramentos a que se destinaram, traria uma enorme vantagem à rede ferroviária do Estado. Mas em vez de ser respeitada a lei, foi a maioria dessa verba desviada para outros fins. Dos 30.450 consignados na lei em questão, apenas 9.000 foram utilizados nos Caminhos de Ferro. Os restantes 21.450 contos, tiveram aplicação diferente daquela que a lei consignava.

Os troços de construção de Estremoz a Castelo de Vide, Évora a Reguengo, Serpa-Brinches a Serpa, Évora a Ponte de Sôr, estão paralisados e no entanto, a lei destinava-lhes 7.800 contos. A via, tanto no Sul e Sueste como no Minho e Douro, não foi duplicada e a respeito de habitações para o pessoal tudo continua na mesma.

No entanto, são decorridos dois anos sobre a data em que a lei foi aprovada. Publicada no Diário do Governo de 25 de Agosto de 1922, o barulho que esta lei fez na imprensa não correspondeu à sua aplicação.

Pelo ministério do Comércio, afirma-se—foi mandada aplicar parte dos 21.450 contos às despesas da exposição do Rio de Janeiro e a outros serviços foram aplicadas várias verbas distraídas da mesma importância.

O que categoricamente A Batalha afirma, é que dos 30.450 contos, 4.000 pelo menos, ainda não tiveram aplicação em Caminho de Ferro. Contudo, a lei que foi aprovada contendo esse crédito é clara e taxativamente impeditiva da aplicação de qualquer verba a outro fim, que não esteja indicado na mesma lei. Diz assim o seu segundo artigo:

«Art. 2.º Em caso algum poderão as dotações consignadas para qualquer das obras indicadas no artigo anterior ter aplicação diferente, ficando civil e criminalmente responsáveis aqueles que procederem em contrário do que fica preceituado.

§ Único Exceptua-se a hipótese de ficar saldo de qualquer delas após a sua conclusão que poderá, por decreto ser transferido para qualquer das outras em que se torne necessário o reforço.»

Em presença disto, temos o direito de perguntar: Quem responde pelo desvio que se fez dos 21.000 contos destinados aos Caminhos de Ferro do Estado? Até agora, que nos conste, nenhum ministro foi incriminado por ter mandado aplicar essa verba a outro fim. Onde está esse dinheiro?

São estas perguntas que A Batalha hoje concretamente formula, robustecendo com elas todas as suas categóricas e incontestáveis afirmações, produzidas na campanha que sobre os Caminhos de Ferro do Estado vem sustentando.

O autor da lei, sr. Afonso de Lemos, deve conhecer o que acabamos de expor e alguma coisa certamente dirá sobre o caso.

E é assim que se procede sempre, nunca tendo os Caminhos de Ferro do Estado a base financeira de que carecem.

Touros de morte

A morte do touro constitui para certas pessoas uma tal alegria que se lhes figura que, afinal, desde que seja permitido dar-se a morte ao touro, estarão resolvidas todas as nossas dificuldades. A ideia de que vai ser possível restabelecer as antigas touradas fez esquecer todas as tristezas que não pagavam dívidas e esses portugueses, amantes da tradição, prepararam-se para investir ou verem investir com o touro, na ocasião em que tanto era preciso investir com os gravíssimos problemas que estão postos, a começar pelo da carestia da vida.

E' interessante assinalar que é precisamente neste momento alitivo em que se traz à discussão o caso dos touros de morte. A ideia é ainda a mesma dos antigos: entreter o povo com jogos e divertimentos para se suportarem as anseiras e as infâmias dos governantes. Só os imperadores romanos eram um pouco mais previdentes ou mais exigente a população de Roma, pois recebia, além dos divertimentos, o pão gratuitamente. Os de Lisboa contentam-se com os touros e aguardam, sem revolta, mais um aumento do preço do pão.

Há quem proteste contra essa revivificação bárbara das touradas sangrentas? Isso pouco importa. Para os calar fazem-se as touradas para as Misericórdias, para os hospitais.

Foi assim que condenando os republicanos o jogo, mantiveram a lotaria da Misericórdia e toda a cambada de vadios que a vendem, em vez de trabalharem. Amanhã são capazes de aproveitarem a prostituição, a pornografia e os cinematógrafos só para homens, dando-lhes um objectivo caritativo: a receita revertendo para obras de assistência.

A gente já assistiu a isto: o chefe do Estado a condecorar um toureiro, cujo único mérito é o de matar touros, e nem sequer ser aproveitado, como seria natural, para marchante. E afinal isso é lógico: há uma certa relação entre a obra dos políticos e a dos «diestros»; todos eles não fazem senão procurar o melhor meio de cravarem a espada, com a diferença de que o touro para os políticos é o povo, que nem sempre é bravo e sofre tudo resignadamente até cair exausto.

Por nossa parte não podemos deixar de frisar o seguinte, que constitui a vergonha dos actuais políticos dominantes: é o de ter sido precisamente quando se encerravam as escolas primárias superiores, destinadas a dar uma instrução geral a todo o povo, que se abrem as corridas com touros de morte. Pretende-se substituir umas escolas por outras. Em vez de se darem ao povo noções sobre a vida, habilidade e com um espírito moderno e com conhecimentos de ciência a ser gente, estando à altura da nossa época, procura-se incutir-lhe as ideias sanguinárias do passado, considerando como primordial elemento educativo o de mostrar a ferocidade dos homens contra os bichos.

Mas afinal para quê? Para no dia em que o primeiro touro se lembrar de dar cabo do primeiro toureiro romper logo a lamitria sentimental dos mesmos que agora podem touradas de morte a reclamar que elas sejam abolidas. E' bem não nos esquecermos que elas em Portugal não acabaram por se ter pena do pobre do touro mas porque um marialhe de fidalga portuguesa perdeu a vida na arena.

Lê-se o Suplemento de “A Batalha”

A PROVINCIA DE ANGOLA O ALTO COMISSARIO

teve uma conversa com um redactor de A BATALHA. Prefere que o julguem pelos seus actos e não pelas suas palavras

A Batalha foi o jornal que primeiro revelou e combateu na metrópole a acção do primeiro Alto Comissário de Angola, general Norton de Matos. O seu despotismo, as perseguições brutais que exerceu sobre os indígenas, a sua política económica desastrosa, as armadilhas feitas aos colonos incautos, tudo passou pelas nossas colunas, tudo foi lançado por nós à opinião pública imparcial. De nada serviram os grandes artigos de propaganda do “bom senso” e “inteligente actividade” do sr. Norton de Matos que a Agência Geral de Angola pagou em jornais de grande circulação. O brilho da verdade, da medida verdadeira revelada pela Batalha não se ofuscou.

Entretanto, a pesar dos belos artigos pagos de defesa da obra ruinosa do antigo Alto Comissário, o sr. Norton caiu—caiu na Embaixada de Londres, e um novo Alto Comissário acaba de tomar posse, partindo brevemente para Angola onde vai exercer a sua acção. Qual será essa acção? Eis a pergunta que a Batalha, pelo interesse que anteriormente revelou pelos assuntos daquela riquíssima colónia, tinha quasi o dever de formular ao tenente-coronel sr. Régio. A entrevista era inevitável e inevitavelmente os nossos passos de ontem em direcção ao ministério das Colónias, onde o sr. Régio. Chaves trabalhava.

A valorização do indígena

O sr. Régio Chaves é amável no trato, calvinista na apresentação. A sua face sorridente difere muito da dureza cezariana de Norton de Matos. Apesar da sua amabilidade, declarou-nos que não concedia entrevistas, o que para o jornalista não representa de modo algum uma gentileza.

—Repugna-me—disse-nos—falar antes de agir. Quero que me julguem pelos meus actos e não pelas minhas palavras.

Achamos bem o melindre do novo alto comissário, não lhe perdávamos, entretanto, que esse melindre privasse

A Batalha de informar os seus leitores sobre as suas ideias e intenções. E como é hábito do jornalista que pretende arrancar uma entrevista, como se arranca um dente sem dor, fomos falando, conversando, na esperança felizmente confirmada, de que o nosso entrevistado levasse a sua gentileza ao ponto de nos responder—e, portanto, de nos fornecer despretensiosamente uma entrevista.

Lembrámos-lhe que Portugal, a despeito da sua fama de país essencialmente colonializador, nunca tomava uma medida fundamental, base de toda a colonização bem orientada: valorizar o indígena.

E o sr. Régio Chaves, seguindo na esteira do nosso pensamento, expandiu-se em conversa—é claro, sem o tom enfatuado de entrevista:

—Devemos dirigir a nossa atenção para o indígena, que é sempre a maior riqueza duma província. Ele trabalha, ele produz, e, portanto, já não direi pelo lado humano, mas sob o ponto de vista económico, é uma loucura não o acarinhar, não o rodear dos confortos e da assistência necessária à sua vida e ao seu desenvolvimento, dos quais dependem o desenvolvimento económico, o acréscimo de riqueza, a valorização do trabalho duma colónia.

O crédito da província—A situação dos colonos

Fizemos deslizar uma pergunta de aspecto insignificante sobre o crédito da província:

—Um pouco abalado—confessou o novo Alto Comissário—Urge consolidá-lo sobretudo no estrangeiro. A província é rica, riquíssima, e creio que, trabalhando todos de boa vontade, harmonizando tanto quanto possível os interesses das forças económicas ali existentes, rapidamente poderemos transformar a numa das mais florescentes colónias portuguesas.

—Que urge fazer?

—Muito, muito! Como já lhe disse prefero agir a falar...

—Entretanto...

—Entretanto, o aproveitamento dos portos, a valorização do litoral, a construção de estradas indispensáveis são as obras que se me afiguram mais urgentes.

Insinuámos que a situação dos colonos não era brilhante: dificuldade de transferência de dinheiro, falta de cumprimento por parte das autoridades de contratos firmados na metrópole...

O sr. Régio Chaves, a sorrir e a compreender que a nossa conversa estava a caminho duma grande entrevista, pôs-se de pé—maneira subtil de nos indicar o caminho da porta—mas ainda nos respondeu:

—Angola é uma província depauperada de população. Uma área enorme, a Alemanha e a França quasi caberiam lá dentro, com uma população de quatro milhões de negros e quarenta mil brancos... Urge canalizar para Angola a emigração portuguesa, dando ao colono todas as garantias de estabilidade.

Despedimo-nos do sr. Régio Chaves e viemos escrever estas linhas que, dando uma ideia... das ideias do novo Alto Comissário, pedimos aos leitores não as considerem «uma entrevista»...

Uma curiosidade

A título de curiosidade publicamos hoje o seguinte decreto que dispensa comentários:

Direcção Geral de Administração Política e Civil—Tendo em atenção o acto de abnegação praticado pelo subdito espanhol «diestro» Manuel Garcia Maera, que em 27 de Agosto de 1921, trabalhando numa corrida de beneficiação se prontificou desinteressadamente a tourar em hastes limpas os touros que lhe foram destinados; he por bem conceder-lhe a medalha de ouro de Mérito, Filantropia e Generosidade, criada por decreto de 3 de Novembro de 1852, em recompensa dos mencionados serviços.

O ministro do interior assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 28 de Agosto de 1924.—Manuel Teixeira Gomes—Alfredo Rodrigues Gaspar.

PELO ALENTEJO De Beja a S. Domingos

As nossas tristes estradas, a beleza estranha, os hábitos do povo, o valor da região e o mais que o viandante encontrou pelo caminho

MINAS DE SÃO DOMINGOS, 31.—A viagem às minas de São Domingos não pode considerar-se das mais penosas. Sem caminho de ferro que as ligue às linhas do Sul e Sueste, grande parte desta viagem é feita em condições incómodas, se a falta de recursos monetários não permite o aluguer dum automóvel que conduza os viajantes de Beja às minas com maior rapidez.

Bem poderia—quere-me parecer—estar já construído o caminho de ferro entre este império de riqueza, como são as minas de São Domingos, e a linha mais próxima—o ramal de Moura, por Serpa; ou então entre Beja e São Domingos, dado que os terrenos melhor se prestassem ao assentamento das vias e mais densas fossem as populações naquela direcção.

Mas... não está, Porque? Há segredos que só pertencem aos deuses e quem não tem lâmpada acesa em Meca—chucha no dedo. Para esta falta deve haver uma das tantas razões que justificam o não aproveitamento das fontes de riqueza existentes no país, tantas vezes assinaladas pelos nossos economistas, pelo muito egoísmo das castas endinheiradas—esse egoísmo estúpido que se antepõe a toda a iniciativa útil e que em grande parte é causa da miséria económica da maioria da população portuguesa.

O viajante que queira visitar as minas de São Domingos ou nestas paragens tenha afazeres e não disponha de recursos para um transporte caro ou de Beja se sujeite à carripa da diligência, 14 horas de percurso incómodo, incluindo neste tempo toda uma noite, ou se sujeite a uma viagem não menos penosa, partindo de Serpa e atravessando as serras de Serpa e de Mértola, num carro primitivo, sem molas, para chegar às minas ao cabo de umas nove horas.

Eu só conhecia, por informação, o itinerário para as minas seguindo por Beja. Indicaram-me, porém, Serpa. Esteve bem. Serpa é uma vila que tem história, beleza, movimento e um clima excelente. Direi mesmo, à guisa de parêntese, que os tuberculosos das regiões próximas lograriam ali melhoras, se alguém, que pudesse, construísse em Serpa um Sanatório, prestando-se ao mesmo a assistência devida.

Sete quilómetros separam Serpa da respectiva estação. Na estrada ainda, ao entrar na vila, um cemitério que merece referência por ser invulgar em terras da província. Não lhe faltam obras de arte, destacando-se uma escultura cheia de mimo e de beleza—uma pequena Sr.ª da Conceição—escultura pela qual um francês ofereceu importância superior à do rico jazigo onde a mesma se encontra sem que a pudessem obter.

Mais adiante o edifício dum velho convento de franciscanos, hoje Creche de crianças, monumento em cuja igreja se notam os sinais da época manuelina, com o madeiramento em talha dourada do altar-mór a desconjuntar-se, em completa ruína, como que ameaçando esmagar o reduzido número de beatas que persistem em sob o mesmo ajoe-lhar-se...

A vila oferece, por vezes, o efeito dum pequeno museu aquitânico: casas com pronunciados acentuados do árabe, a velha muralha afonsina, que cercou no passado o pequeno burgo negrecida pelos séculos; casas seiscentistas, janelas estilo manuelino, um pequeno teatro construído no interior duma igreja antiga, mas em que foi conservada integralmente a fachada—curiosidades dignas de registo e a que, entre nós, não poderia dar fino relevo um arqueólogo como o nosso Nogueira de Brito.

Vamos de abalada, a passo de mula,

acomodadamente sentados num carro com molas de azeitão... Entrámos na serra rompia o aurora. Para trás ficava Serpa, que nitidamente se ia dividindo, lá em baixo, com as suas casas caídas a branco — serviço carinhoso feito pelas mulheres, enquanto seus maridos, pais ou filhos labutavam no campo ou noutros afazeres.

Izidor, irmão do nosso Gonçalves Correia, foi meu companheiro de viagem. E' ele que me vai informando da vida e costumes dos habitantes da serra — gente simples e boa, expansiva e familiar. A estrada velha (estrada...) na sua maior parte, foi aberta pelos rodos que fazem o tráfego entre Serpa, São Domingos e terras intermédias. Sinais de estrada existem só quando se encontram as montanhas mais elevadas. No mais são sulcos profundos, barrancos, agora recobertos de terra que se levanta em nuvens asfixiantes e que no inverno serão lamaceros, abertos nos terrenos em declive, ora para a esquerda, ora para a direita, por vezes à margem de despenhadeiros, para onde o carro tomba, em permanente ameaça de se voltar para o fundo de precipícios onde nem a alma se nos aproveitaria...

A serra de Serpa foi pela respectiva municipalidade dividida em pequenas porções pelos habitantes do conselho a fim de ser cultivada. A forma como decorreu a posse destes terrenos parece desmentir aquela afirmação, segundo a qual cada camponês assalariado deseja a divisão da terra para cada qual ficar na posse do seu bocado.

Divididos os terrenos, a câmara procedeu a um sorteio, provavelmente para evitar que os municípios se queixassem de quaisquer favoritismos, ficando assim cada habitante com a porção que lhe coubesse em sorte. Nem todos os municípios foram sorteados, porém, ficaram proprietários. Muitos deles venderam a "sorte" que lhes coube, por dez, por seis, por três escudos e outros mesmo a preço de uma garrafa de vinho, em contratos feitos ao acaso, entre copos de vinho ou de aguardente, nas tabernas, entre os portadores das sortes e os finórios que já eram grandes ou pequenos proprietários e que assim aumentaram as suas fazendas.

De modo diferente procedeu o município de Mértola na mesma serra, na parte que administrativamente cabe àquela concelho. Esse não vendeu. Aluga porções de terra. E o habitante que alugou uma serra um ano, no ano seguinte já não pode alugar a mesma, talvez com o fim de evitar que quem queira seja se habitue a considerar-se proprietário. Parece que este procedimento é do agrado dos habitantes alugadores, porque a nenhum sendo permitido construir casas na serra com cobertura de telha por ser sinal de senhoria, quando tal coisa sucede, reúnem-se os habitantes dos povoados próximos e destroem esses telhados. Vi casabres só com as paredes levantadas, aos quais destruíram os telhados. Os restantes são cobertos com coimo. Informaram-me que de Mértola têm ido várias comissões a Lisboa reclamar para a serra o mesmo princípio de distribuição que foi adoptado em Serpa. Devem ser outros finórios, animados do desejo de acrescentar as suas propriedades...

Chegado à mina, não é sem satisfação que recordo a scenografia natural da serra, vista do alto da "Ladeira de D. Diogo", assim classificada pelos carrieiros — a mais íngreme e mais elevada — por ali próximo principiam os terrenos da Empresa das minas e que em tempos teve um director com aquele nome. As serras, à parte as altitudes, os despenhadeiros, as levadas ou quedas de água por recortes e anfractuosidades pitorescas das rochas graníticas, todas são parecidas.

Não vi, porém, nenhuma que de longe ou de perto se parecesse com a de Mértola, vista do alto da "Ladeira de D. Diogo". Que pesar sinto faltar-me a arte para descrever as cores, de talvez, centenas de colinas quasi todas da mesma altura, de igual configuração, numa ondulação rítmica em que as ondas fossem maciças colossais de cores diferentes, com tonalidades de ouro e madre pérola, vistas sob o azul claro do céu e iluminadas pelo brilho do Sol poente — um quadro imenso que a vista abrangia em êxtase, quer nos voltamos para os lados da Espanha, quer nos voltamos em direcção ao mar. Como é grande e bela a Natureza!

Quasi no termo duma viagem incómoda, sob os raios do Sol que abrasa, o ar puro da serra e a delícia dos quadros que a Natureza me oferece constituem a mais valiosa das compensações a que é dado aspirar...

M. J. de SOUSA.

A festa pró-«A Batalha»

Aos Sindicatos

A comissão que levou a efeito a festa pró-«A Batalha», pede a todas as pessoas ou organismos a quem foram enviados convites, para o mais breve possível enviarem as respectivas importâncias à administração deste jornal ou ao Sindicato dos Impressores Tipográficos, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, a fim de evitar despesas inúteis e com brevidade poder ser enviado ao nosso órgão o auxílio de que tanto está carecendo.

II Congresso dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Reuniu ontem a comissão organizadora do III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles que apreciou diverso expediente, entre eles um ofício do Comité de Propaganda Federal do Norte sobre a propaganda a fazer do congresso naquela região, resolvendo levar o assunto à próxima reunião do Conselho e enviar todos os seus esforços para satisfazer os seus desejos.

Procedeu à distribuição do «Labor Proletário» que publica já três teses a apresentar ao congresso.

A comissão lembra aos sindicatos que ainda não responderam à circular convocativa do congresso, a que o façam o mais breve possível, para não prejudicar os seus trabalhos.

Resoluiu mais dar na próxima semana publicidade às adesões já recebidas.

CONFERÊNCIAS

«A missão do Sindicalismo Revolucionário»

Subordinada ao tema «A missão do Sindicalismo Revolucionário» realizou-se, pelas 21 1/2 horas, na sede do Núcleo das Juventudes Sindicalistas, uma palestra do militante operário Alfredo Marques.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

METALÚRGICA
S. U. M. de Beja — Recebemos ofício, segue expediente.
Secção Metalúrgica da Marinha Grande — Recebemos ofício, segue expediente e vamos oficiar.

Calçado, Couros e Peles
Guimarães — Sindicato U. C. Couros e Peles — A circular do Congresso e «Labor Proletário» foram para a antiga sede. Digam se receberam.

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio

NOTA OFICIOSA

Como o jornal da classe Luz e Vida tivesse publicado um artigo firmado pelo camarada José Caetano Fragoço, que actualmente exerce o cargo de presidente da Associação dos Empregados no Comércio de Santarém, artigo em que deslealmente se ataca a organização federal, pondo-a ao mesmo tempo em campo duvidoso para com a C. G. T., a Junta Sul lamenta tão simplesmente e em face de tão inocentes afirmações contidas nesse artigo que o camarada José Caetano Fragoço com a boa vontade que lhe é peculiar, como a de desejar ardentemente melhores dias para a classe, não tivesse já feito o possível para que a associação de que é presidente requisesse expediente confederal, pois que, pelos documentos que esta Junta tem em seu poder, aquela Associação — apesar de usar o label confederal — não paga para a C. G. T. um centil desde Setembro de 1922 — Junta Sul.

Trabalhadores:
Contribui com o ensino!

Universidades, Academias e Escolas

Escola de Cerâmica de Lisboa. — Abre-se a matrícula nesta escola todos os dias úteis, desde o dia 5 até ao dia 22 do corrente, das 11 às 15 e das 20 às 22 horas, para os cursos de aprendizagem e aperfeiçoamento, compreendendo: pintura, modelação, desenho, formação e torneio ceramista.

No acto da admissão à matrícula, o aluno deverá apresentar o documento dos quatro operações, certidão de idade e provar ter sido revalidado nos prazos estabelecidos por lei e que não sofra de doença contagiosa.

A idade mínima para os cursos de aprendizagem será aos 10 anos e a máxima aos 14. Nos cursos de aperfeiçoamento poderão ser admitidos analfabetos. As matrículas nesta escola são gratuitas e o pagamento de propinas. Aos alunos dos cursos de aprendizagem poderá ser concedido um subsídio como remuneração do seu trabalho.

O Combóio n.º 6
SENSACIONAL PEÇA
Hoje
TEATRO APOLO

Classes que reclamam

Funcionalismo público

A comissão delegada dos empregados menores das diversas repartições do Estado, que ontem se avistou no edifício do governo civil com o presidente da comissão central de equiparações, sr. Viriato da Fonseca, constatou a maneira cativante como este senhor e os restantes membros da comissão a receberam e assim como a boa vontade que por todos foi demonstrada na satisfação de que a comissão pretende ver resolvido a favor do pessoal menor.

A referida comissão continua nas «demarches» encetadas a fim de conseguir que ao pessoal menor seja feito ainda no corrente mês, o pagamento da nova subvencção.

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica — A comissão administrativa, em sua última reunião, após o despacho de vários expedientes, ocupou-se de um assunto que se prende com o «comité» metalúrgico de propaganda do Norte, sendo resolvido oficiar aquela delegação.

Foram apreciados vários outros, entre os quais o expediente de Coimbra e Rio Meão, congratulando-se esta comissão pelo regresso à actividade sindical do sindicato de Coimbra, ficando assente satisfazer o sindicato do Rio Meão no seu pedido.

Também foi apreciado um comunicado da União Anarquista Portuguesa, pondo ao facto este organismo da situação anueta em que se encontra América Vilar, operário Metalúrgico, que se encontra actualmente no estrangeiro.

A comissão administrativa, atendendo à falta de recursos e ao esgotamento da reserva de auxílio, proveniente de quotas tiradas por intermédio do Sindicato M. de Lisboa, resolveu levar o caso para o conselho federal.

Tomou conta de um pedido do Sindicato de Lisboa, apelando para a interfeirência da Federação junto da C. G. T., a fim de se obter o subsídio para a mãe de Jaime Figueiredo, vítima da explosão na sede da Confederação, como anteriormente vinha recebendo. Atendendo à justiça que assiste a tal pedido, foi resolvido oficiar neste sentido à caixa de solidariedade confederal.

Francisco Viana dá conta da sua missão de propaganda da Marinha Grande, em 24 de agosto, estando esperando que em breve esta Federação deve contar com a adesão de mais um sindicato, pois que o sindicato local da Construção Civil e Artes Correlativas é constituído e mantido única e exclusivamente por elementos metalúrgicos.

Federação Corticeira Nacional — Reuniu o conselho federal, tendo sido lido o expediente ao qual foi dado o devido andamento.

O sindicato da Póvoa requisita o envio ali de delegados, sendo resolvido atender, indo aquela localidade dois delegados na próxima quinta-feira.

O delegado do sindicato do Barreiro comunica ao Conselho que se está actuando grande crise na indústria motora por falta de transportes de matéria prima para as fábricas e diz ser sua opinião que se reclame de quem compete providências necessárias, o que ficou assente.

O Conselho, apreciando o pouco espaço de tempo que vai até à data em que está marcada a realização do 3.º Congresso, e não obstante a propaganda para o mesmo ainda não estar feita, resolveu que os delegados que estão incumbidos desta missão, dela se dessemprém o mais rapidamente possível.

Foi lido um ofício da Secção de Cortiças da A. L. P., no qual declara que por virtude do seu presidente e secretários estarem ausentes não podem tratar a reclamação formulada; no entanto, que nos dirigirmos em ocasião mais própria. O Conselho, depois de alguma discussão, resolveu oficiar novamente aos industriais insistindo por que se satisfizesse a reclamação que ficou pendente da última greve.

Encadernadores e Anexos. — Reuniu ontem a assembleia geral que aprovou os relatórios da comissão revisora de contas e comissão liquidatária da oficina cujo balancete acusa o saldo de 1.065.500 e que fica patente na sede para consulta dos sócios.

Pelo camarada António Monteiro foi lido o seu relatório de delegado à Conferência Inter-sindical que foi também aprovado.

Foram nomeados Eugénio Inácio como delegado à U. S. O. e Nepomuceno Rodrigues como secretário administrativo da direcção.

Pelo camarada António Monteiro foram expostos, em summa, os trabalhos que a Federação do Livro e do Jornal vai encetar, tendentes ao robustecimento da organização gráfica e que causará grande interesse.

Federação da Construção Civil. — Com a presença de delegados representantes dos sindicatos de Aveiro, Porto, Viana do Castelo, Penafiel, Agoues,

Um espião da polícia

A organização dos tancoiros em geral

Tendo com insistência circulado o boato que o manipulador de pão M. Tavares Adão, em cujo sindicato militou durante certo tempo, tem ultimamente vindo a desempenhar na polícia a misteriosa função de espião-deleatador, dando esse facto ocasião a que, por indistinctão de nome, eu tenha sido tomado como o indivíduo em questão, suspeição essa que está tomando incremento dentro da organização operária, em especial na provincia, que constantemente frequenta o desempenho de diversas missões da organização a que pertence, e como se trata dum caso indubitavelmente grave, venho declarar o seguinte:

Manuel Tavares Adão é inteiramente meu irmão. Não mantenho com ele qualquer espécie de relações, nem aquelas que os especialíssimos deveres de fraternidade impõem, concorrendo para o estabelecimento desta situação o antagonismo ideológico de ambos, e jamais comparticipo em qualquer manifestação influenciada pelos baixos prazeres da crápula, e muito menos me prestaria ao contágio da abjecta delação, o mais baixo grau que descem os anormais.

A minha lealdade e dedicação dentro da organização dos tancoiros, da qual sou componente, e ainda alguns anos da organização entre os rurais de oeste, afirmam a minha animadversão por toda a espécie de actos que estejam diametralmente opostos aos seus princípios da solidariedade humana. Confessando-me publicamente contrariado e sensivelmente molesto com a miserável orientação de meu irmão, que à própria polícia repugna, mas — que sobretudo tenho do — apaz-me deslejar o equívoco. — Joaquim Tavares Adão, secretário geral da Federação Nacional da Indústria de Tancoiros.

Trabalhadores: Lede a Batalha

Amplamente remodelada está
UMA PEÇA NOVA
a revista **Sorte Grande**
em scena no

EDEN TEATRO
Números de agrado certo, entre outros: **O Fado do Cegunho, A Caçadora de Homens, Está bem? Está mal? A Soirée das Pires**, com os compadres **António Gomes, da Trindade, e Aurélio Ribeiro.**
A Desgracia Política, O Monarca do Avesso e Os Pilançadores de Clubes, por **ORIS LORAIN e BILL BAILEY.**
ALEGRIA — ENTUSIASMO

AS GREVES

Polidores da casa Marques Silva

Continua no mesmo pé o movimento nesta casa em virtude do respectivo industrial não querer ceder o aumento reclamado pelos operários, que é de 3900, a fim de ficarem equiparados a outras casas. Apesar da luta durar já há 10 dias, os grevistas estão na disposição de não retomarem o trabalho sem que lhe seja concedido o referido aumento.

Ferrovários do Estado

A comissão de demarches dos ferroviários do Estado, avistou-se com o ministro do Comércio e o administrador geral dos Caminhos de Ferro, expondo-lhe qual a situação do pessoal em face do constante aumento que sofrem todos os géneros. Uma e outra entidade reconheceram que a vida é impossível para todos prometendo no entanto atender a essa situação logo que lhe fosse possível.

Devido a um lapso havido, foi entregue um apêndice corrigido alguns erros contidos nas reclamações entregues em 7 de mês p. p.

Brevemente esta comissão voltará a instar porque justiça seja feita à legião de trabalhadores dos Caminhos de Ferro do Estado.

Aos assantes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lençóis de F. Ribeiro & C.ª Irmãos faz descontos especiais, vendendo peças mais limitadas preços. Fornece lençóis de Ultramarino e do do estabelecimento da Fábrica do Ministério da Guerra.

Secção de alfaiataria
PEÇAM AMOSTRAS
R. DOS FANQUEIROS, 267.1.ª e 2.ª.
Não tem loja

Pessoal Metalúrgico da Companhia União Fabril

Em consequência de ter sido chamada a atenção dos corpos gerentes do S. U. Metalúrgico sobre as deprimentes condições de trabalho e respectivo horário, realiza-se amanhã, sexta-feira, às 21 horas, na sede do referido Sindicato, uma reunião de todos os operários metalúrgicos ao serviço da União Fabril, a fim de nela se resolver a atitude a tomar pelo respectivo pessoal ante as anomalias que se cometem naquela Companhia contra os direitos dos operários.

VIDA POLITICA

Comuna «Spártacus». — Ao passar o 1.º aniversário da sua fundação, a comissão ad. instrutiva saúde o proletariado de todo o mundo, fazendo votos para que no mais curto espaço de tempo todos nos comprometemos de vencer o nosso inimigo comum — a burguesia.

Nesta saudação envolvemos também todos aqueles que fazem a ferro e na cadeia do capitalismo vítimas da sua abnegação pela causa dos trabalhadores.

Comuna «Engels». — Para nomeação da nova comissão administrativa, reúne hoje, pelas 21 horas, na sede da Federação Comunal, a assembleia geral dos filiados desta Comuna.

Centro Radical de Almada. — São convidados todos os sócios deste organismo a reunir em assembleia geral, amanhã, pelas 22 horas, para apreciar a orientação da comissão municipal e outros assuntos urgentes.

A construção do Metropolitano

Na sessão de ontem da comissão executiva da câmara municipal, foi lida a proposta dos srs. Luis Manteca e Juan José Luque, para a construção e exploração de um metropolitano em Lisboa, que fizessem o depósito de 100.000.000 estabelecido pela condição 5.ª do concurso, e apresentaram um volumoso projecto das obras com detalhas e desenvolvidas peças escritas e desenhadas.

Pelo sr. dr. Alfredo Guisado é apresentada a seguinte proposta, que é unanimemente aprovada:

1.º Que seja enviada à 3.ª repartição o duplicado do projecto e demais documentos apresentados sobre o concurso aberto para a construção dum caminho de ferro Metropolitano em Lisboa e que esse estudo já foi feito a maior urgência.

2.º Que na acta fique consignado a apresentação e abertura dos referidos documentos.

Dr. Pedro Vallina

Doenças do coração e pulmões e CLÍNICA GERAL

Consultas na rua do Mundo, 84, 2.ª, das 14 às 16 horas.

A PREÇOS MÓDICOS
Rua Fernandes Tomás, 52, 2.ª, das 10 às 18 horas.

Travessa da Água de Flor, 16, 1.ª, quintas e sábados, das 21 às 22 horas. Chamadas: rua Gomes Freire, 142, 2.ª.

Teatro Nacional

A SEVERA

A'S 21,30

PROTAGONISTA
ESTER LEÃO

ULTIMAS NOTICIAS

AS JUNTAS DE FREGUESIA

TRATAM DO AUMENTO DO PREÇO DO PÃO, DAS TARIFAS DA CARRIS E DAS CANTINAS ESCOLARES

Nos Paços do Concelho reuniram-se as juntas de freguesia, nos termos da lei, a fim de tratarem do pedido de aumento do preço do pão, da Carris e das cantinas escolares.

Preside o sr. José Simões, secretário pelos srs. Guilherme Gândara e Raúl Ventura dos Santos.

O presidente expõe o resultado das «demarches» feitas junto do presidente do ministério e do ministro da Agricultura, concluindo por afirmar que nas regiões oficiais não se pensa no aumento.

Sobre assuntos de carácter interno falam os srs. Almeida Coelho e Carlos Dargent.

O sr. Raúl Ventura dos Santos, referindo-se a uma reunião de senhores no centro republicano França Borges, apresenta a seguinte moção: «Considerando que numa reunião de senhores efectuada no Centro Republicano França Borges, se protestou contra a lei do inquilinato, etc., etc., resolvem convidar o cidadão Manuel Duarte a vir perante as juntas de freguesia de Lisboa, na sua primeira reunião, a provar o que afirmou na referida reunião; caso não compareça, fique considerado como reles caluniador».

O sr. Manuel Marques refere-se à atitude do ministro da Agricultura a propósito do aumento do preço do pão, que ninguém lhe pediu e que, ex. ex. aumentou.

Em seguida o presidente diz que o sr. Joaquim Franco Júnior pede para ficar suspensa, até nova reunião, a proposta referente à Comissão de Assistência.

O sr. Almeida Coelho, da Junta de Camões, trata de vários assuntos referindo-se largamente à facilidade com que as autoridades passam atestados de republicanismo a indivíduos que não conhecem. Cita, a propósito, o facto de ter sido passado um atestado ao dr. sr. Francisco Júlio Martins Sequeira, que não é republicano e prefere ser professor oficial. Protesta indignadamente contra tal facto, pois que esses atestados devem ser passados pelas juntas de freguesia, nos termos da lei.

O sr. João Graça, não concorda com o atestado que o antecedeu, e conta vários casos passados na sua freguesia, dizendo que esses atestados devem ser passados pelos regedores.

É aprovada a proposta do sr. Almeida Coelho, para que se represse ao governo, a fim de ser abolido o decreto n.º 9412, de 7 de fevereiro do corrente ano, que confere aos administradores o direito de passarem atestados de republicanismo.

A moção do sr. Raúl Ventura dos Santos é transformada num protesto, que fica exarado na acta.

O sr. José dos Santos, acha desnecessária a acção das Juntas de Freguesia no sentido de entravar o aumento das tarifas da carris, visto que a companhia está autorizada pela Câmara a aumentar as suas tarifas quando entender e julgar. O nosso protesto — diz — deve ser contra a deliberação da Câmara. Referese ainda à forma como foi constituído o conselho arbitral, e a requerimento do sr. Almeida Coelho, o sr. José dos Santos é convidado a comparecer noutra reunião para mais largamente se referir ao assunto.

Sobre a assistência das juntas falam os srs. Carlos Dargent, Manuel Marques, que se refere largamente a essa obra e o sr. Joaquim Franco Júnior, que pede explicações. O sr. Bartolomeu Severino refere-se também aos serviços de assistência e faz votos para que as juntas congreguem os seus esforços a fim de que dêem resultado uma obra útil para a pobreza da capit. L.

Sobre o mesmo assunto falam ainda outros oradores sendo em seguida encerrada a sessão.

Foi resolvido nomear uma comissão para ir junto do ministro do comércio pedir a isenção da franquia postal para os corpos administrativos que destinam as suas receitas à assistência pública.

A assembleia protesta contra a demora na entrega da caderneta às juntas de freguesia, destinadas aos pobres e vai pedir providências.

A guerra civil na China

Na iminência dum formidável choque entre dois grandes exércitos

PEQUIM, 3. — As últimas notícias sobre a situação do sul da China são pouco claras. Parece que o governador militar de Shanghai está resolvido a exercer uma estreita fiscalização militar sobre as áreas circunvizinhas da cidade, mas Chi-Hi-Yuan pretende impedir os seus mandados dispondo de forças consideráveis, com m-tralhadoras, artilharia e aeroplanos. Ambos os chefes estão recebendo constantes reforços, podendo cada um deles dentro de breves dias dispor de cerca de 100 mil homens, o que dará lugar se se travar batalha a uma acção importante e que poderá mudar a face dos acontecimentos na China.

Rendimentos dos operários

PRAGA, 3. — Deu-se uma grande explosão numa fábrica de explosivos, tendo ficado três operários mortos e seis gravemente feridos, e tendo havido prejuízos consideráveis.

O malabara obra da Ku-Klux-Klan

CHICAGO, 3. — No combate travado em Herrin no Illinois entre o Ku-Klux-Klan e os seus oponentes ficaram mortos 32 pessoas.

No vespeiro de Marrocos

TANGER, 3. — Uma mensagem heliográfica recebida do posto espanhol de Úrsul, a nordeste de Larache, diz que a guarnição foi atacada por enormes forças inimigas, pedindo licença para evacuar o posto e destruir tudo quanto não possa levar.

TANGER, 3. — As tropas espanholas de smantelaram várias posições na zona ocidental, fazendo voar com dinamite o que não puderam levar consigo, e retirando em boa ordem.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

MELILA, 3. — Receberam-se aqui comunicados segundo os quais os combates travados em redor de Airau os rifenhos perderam 170 homens. Os mouros quando atacaram as posições de Airau dispunham de grandes de mto, artilharia e muitos municões de espingarda.

Os rifenhos parece estarem bem armados

um gesto. O demasiado é sempre mau, semelhantes familiaridades podem desagradar à nossa temível soberania.

As duas raparigas, uma alegre, a outra trémula e abatida, entraram no quarto da rainha, enquanto o judeu, depois de ter cortado outra vez humildemente Brunchaut, saiu da sala, correndo atrás de si a cortina de coiro que escondia a escada de caracol.

Brunchaut e a sua confidente ficaram sós.

E agora, ó vós! descendentes de Joel, que neste momento ides continuar a ler esta história, a repugnância, o horror, o espanto que afrontareis, já mais será igual à repugnância, ao horror e ao espanto que se apodera de mim escrevendo a cena sem nome que se vai passar entre estas duas execrandas velhas.

— Senhora, disse Chrotechida a Brunchaut, para quem destina a escava que quer comprar?

— Queres sabê-lo?

— Sim, minha senhora.

— Chrotechida..., a idade enfraquece a tua penetração usual... e...

— Senhora, não a entendo!

— Preciso experimentar até onde chegará essa falta de inteligência tão recente em ti...

— Em verdade, senhora, que me perco em conjecturas...

— Dize-me, Chrotechida, quando meu filho Childeberto morreu assassinado por Fredegonda, não me deixou a tutela de meus dois netos Thierry e Theudeberto?

— E' verdade, senhora, mas eu falava desta escava.

— Justamente...; mas escuta... De que idade foi pai meu neto Theudeberto?

— Aos treze anos, senhora; porque dessa idade teve ele um filho de Bilichilda, aquela escrava morena, de olhos verdes, que compramos tão cara...

— Parece-me ainda estar vendo o seu olhar selvagem e extraordinário.

rio como a sua formosura. Demais, o porte de uma ninfa, cabelos crespos, negros como o ébano e que lhe chegavam até aos pés... Ainda não vi em toda a minha vida tão lindos cabelos.

— Quem meteu essa escrava uma noite, completamente nua, na cama de meu neto, que apenas tinha doze anos?

— Vós, senhora; e eu acompanhava a mesma ocasião... Ah! ah! ah! ainda me rio quando me lembro de tal...; o inocentinho estava ao princípio com tanto medo!...

— Mas como se torna taciturno... — Aquela vil escrava! essa Bilichilda, apesar das outras concubinas que forneciam a meu neto Theudeberto, não tinha adquirido sobre ele um funesto ascendente?

— Tão terrível, minha senhora, que nos mandou expulsar a ambas de Metz e conduzir prisioneiras até Arcis no Aube, nos limites da Borgonha, reino de seu neto Thierry. Mas isto, minha senhora, é uma história muito antiga; não foi Bilichilda o ano passado estrangulada por seu neto, esse feroz idiota, que passara do amor ao ódio, e não foi ele mesmo, depois da batalha de Tolbiac, vencido por seu irmão, que a senhora tinha excitado contra ele e depois mandado rapar e assassinar segundo as nossas ordens? Finalmente, não se esmagou a cabeça nua pedra a seu filho de idade de cinco anos? Que mais queres?

— O ódio em mim sobrevive à vingança, como o punhal ao assassino.

— Nisso não tem razão, minha senhora... Odiar além do túmulo, é simples de mais para a nossa idade.

— Mas, adiante... O que acabo de te dizer esclareceu suficientemente o teu espírito?

— A respeito das duas lindas escravas?

— Sim, a respeito das duas lindas raparigas.

— Não, senhora... não adivinho o seu pensamento.

— Continuemos... visto que a tua inteligência está obtusa até esse ponto...; dize-me, antes de lhe metermos Bilichilda na cama, qual era o carácter de meu neto Theudeberto?

— Violento, activo, resoluto, decidido e sobre tudo muito glorioso... Aos dez ou onze anos de idade já sentia o orgulhoso ardor do seu sangue real, e dizia com altivez: «Sou rei da Austrásia!»

— E dois anos depois que possuíu aquela escrava morena, de olhos verdes e cabelos crespos, tão judiciosamente escolhida por ti, Chrotechida, qual era o carácter de meu neto?

— E' verdade, minha senhora, Theudeberto estava tão mudado que ninguém o conhecia... Efeminado, irresoluto, debil, não queria senão ir da cama para a mesa e da mesa para a cama com as suas concubinas...; porque tinhamos dado companheiras a Bilichilda... Mal se entregava ao trabalho de caçar ao falcão, divertimento próprio de mulher; e a caça de animais ferozes era para ele uma distração muito violenta. Isto não me admirava; nascera forte e activo, quando era criança gostava dos divertimentos ruidosos, de andar à solta, e tornara-se indolente, pálido, enfadado, fugindo da claridade como se o brilho do sol lhe ofusasse a vista; finalmente, prometia ser de estatura elevada e morreu encurvado e quasi imberbe!

— Realizasse o que eu tinha previsto, Chrotechida... As devassões prematuras enfraqueceram sempre tanto a alma como o corpo, e a posteridade de Theudeberto não nasceu para viver muito...

— E' facto, que ainda não vi crianças mais definhadas... E daí, que filhos podia deixar um pai pigmeu e quasi idiota?

— E depois da idade de doze a treze anos, Theudeberto dizia ainda com altivez: «Eu sou rei da Austrásia!»

— Não, de certo, minha senhora... pois se para o experimentar a senhora lhe falava de negócios do estado, dizendo ser ele o rei, aquela criança respondia com voz amortecida e com os olhos quasi fechados: «Minha avó, eu sou rei das minhas mulheres, das minhas ânforas de vinho velho e dos meus falcões! Reine por mim, avó...; reine por mim, se quizer!»

— Assim me approve, Chrotechida...; e de facto renei na Austrásia por meu neto Theudeberto até ao

dia em que essa vil escrava Bilichilda, servindo-se do ascendente que tinha tomado sobre aquele idiota, me expulsou de Metz...; a mim, a rainha Brunchaut!

— Não se lembre mais disso! Parece-me que ainda a vejo de rosto sobranceiro e com os olhos chamejantes! Mas, por Deus, minha senhora, a escrava já foi estrangulada, o idiota e seu filho assassinados...; esquecia-me mesmo, que para completar a hecatombe desses animais daninhos, esquecia-me de Quintio, primeiro oficial do palácio, duque de Champagne, que tendo tido a imprudência de se intrometer nesse negócio de Metz, foi assassinado por sua ordem. Que mais queres? E demais, não achou a senhora uma Borgonha para a compensar duma Austrásia perdida? Se foi expulsa de Metz por Theudeberto, não encontrou refugio por ventura em Chalons, junto de Thierry, outro dos seus netos? Enfraquecido, efeminado pelas mulheres que lhe escolhemos, não o excitou a senhora por vingança a uma guerra implacável contra seu irmão, a quem ele venceu em Toul, em Tolbiac, e que depois desta derrota foi morto por ele, conjuntamente com seu filho, como há pouco lhe estava dizendo? Depois de ter assim vingado o destêro de Metz, acaso não dominou depois Thierry e não reinou em seu lugar? Aegila, primeiro oficial do palácio, fazia-lhe sombra pela influência que tinha com seu neto, e a senhora desfez-se de Aegila e substituiu-o pelo seu amante Protada, que foi nomeado primeiro oficial do palácio!

— E eles mataram-no... Chrotechida! mataram... o meu Protada!

— Vamos, a senhora há de confessar, aqui para nós, que não existe só um Protada no mundo; e a rainha nunca faltaram amantes! Não tem senão a escolher entre os mais formosos, os mais jovens e os mais dourados da corte de Borgonha; demais, senhora sem intenção de a ofender, se lhe mataram Protada, também a senhora lhes matou o bispo Didier.

— Talvez digas que não mereceu a morte?

— Ele! senhora! nunca houve castigo mais legítimo! Que astucioso prelado! Quer suplantá-los

SECCÃO DE LIVRARIA

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes: Continente—Encomendas postais até 5000, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 grammas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos 6000. Brasil e Paes da União Postal—Pacotes de 2 quilos 9500. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, 6500.

Publicações sociológicas

—Organismo do Socialismo... 500 500

Intelectual... 500 500

A Comunidade... 500 500

A Macaronaria e a Teologia... 500 500

Porque não se faz o Social... 500 500

O Socialismo... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Henrique Leão... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Trotsky... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500 500

Ultimas paginas... 500